



Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Denise Pereira
(Organizadora)

Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C198 Campos de saberes da história da educação no Brasil 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-455-9
DOI 10.22533/at.ed.559190507

1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O BORDADO NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Isabella Brandão Lara Ana Maria de Oliveira Galvão	
DOI 10.22533/at.ed.5591905071	
CAPÍTULO 2	13
ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO	
Bruna Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.5591905072	
CAPÍTULO 3	25
A ANPUH-SP E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PAULISTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS	
Ana Paula Giavara	
DOI 10.22533/at.ed.5591905073	
CAPÍTULO 4	39
DIFERENTES CENÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA PÚBLICA DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL	
Dehon da Silva Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.5591905074	
CAPÍTULO 5	52
ENSINO DE HISTÓRIA EM MUSEUS: A EXPERIÊNCIA DA MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Priscila Lopes d’Avila Borges	
DOI 10.22533/at.ed.5591905075	
CAPÍTULO 6	61
O PROCESSO INQUISITORIAL 8064 À LUZ DA MICRO-HISTÓRIA	
Guilherme Marchiori de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.5591905076	
CAPÍTULO 7	71
OS PRONTUÁRIOS MÉDICOS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA: O CASO DO <i>LEPROSÁRIO</i> CEARENSE ANTÔNIO DIOGO (1928-1939)	
Francisca Gabriela Bandeira Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.5591905077	
CAPÍTULO 8	82
PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcos Rafael da Silva Tathianni Cristini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5591905078	

CAPÍTULO 9	92
DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA A (RE)INTERPRETAÇÃO DA CULTURA MATERIAL DOS MUSEUS Wagner Lucas Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5591905079	
CAPÍTULO 10	101
O MITO LUSITANO DO LICANTROPO E SUA HERANÇA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO Maximiliano Ruste Paulino Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050710	
CAPÍTULO 11	111
A FALA COMO APRENDIZADO NAS PRÁTICAS DA LIGA CAMPONESA DO ENGENHO GALILÉIA Reginaldo José da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050711	
CAPÍTULO 12	124
A INFLUÊNCIA DOS TUTORES NA EDUCAÇÃO DE ÓRFÃOS EM MARIANA (1790-1822) Leandro Silva de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.55919050712	
CAPÍTULO 13	131
A LEITURA DAS ATAS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ (1964 – 1985) Flávio William Brito Matos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050713	
CAPÍTULO 14	142
O CONSELHO DE INTENDÊNCIA DO SERRO/MG E A INSTRUÇÃO PÚBLICA DA REPÚBLICA, DE 1890 A 1892 Danilo Arnaldo Briskievicz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050714	
CAPÍTULO 15	155
A POLÍTICA DE INCENTIVO ÀS MANUFATURAS TÊXTEIS EM PORTUGAL SÉCULO XVII: DOS DISCURSOS DE DUARTE RIBEIRO DE MACEDO À GESTÃO DO 3º CONDE DA ERICEIRA Alex Faverzani da Luz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050715	
CAPÍTULO 16	172
AS RECORDAÇÕES IMPERTINENTES DE ISAÍAS CAMINHA: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, AUTOBIOGRAFIA E LITERATURA NA PRODUÇÃO DO ESCRITOR LIMA BARRETO Carlos Alberto Machado Noronha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050716	

CAPÍTULO 17	181
A PROCESSUALIDADE DE UMA POLÍTICA COOPERATIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO ENSINO SUPERIOR	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
Reginaldo Célio Sobrinho	
Edson Pantaleão	
Giselle Lemos Shmidel Kaustsky	
DOI 10.22533/at.ed.55919050717	
CAPÍTULO 18	190
CONHECIMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: BASE PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	
Giselle Lemos Schmidel Kautsky	
Reginaldo Celio Sobrinho	
Edson Pantaleão Alves	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050718	
CAPÍTULO 19	199
DIREITOS SOCIAIS E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS	
Monica Isabel Carleti Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050719	
CAPÍTULO 20	210
CENTROS DE PESQUISA SOBRE A VIOLÊNCIA NO BRASIL	
Bárbara Birk de Mello	
Luiz Antonio Gloger Maroneze	
DOI 10.22533/at.ed.55919050720	
CAPÍTULO 21	221
DESAPRENDENDO O JÁ SABIDO: O “ESTADO NOVO” NO EMBALO DO SAMBA	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050721	
CAPÍTULO 22	238
CINEMA, CULTURA POPULAR E MEMÓRIA NA VISÃO DO CINEASTA HUMBERTO MAURO	
Sérgio César Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050722	
CAPÍTULO 23	248
DAS PÁGINAS DOS JORNAIS PARA AS TELAS: A REPRESENTAÇÃO DO ESQUADRÃO DA MORTE NO CINEMA BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1970	
Renata dos Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050723	
CAPÍTULO 24	259
O LUGAR DO MÚSICO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E REGIONAL	
Douglas José Gonçalves Costa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050724	

CAPÍTULO 25	269
ROTAS DE TEATRO, BRASIL E PORTUGAL: ENCENAÇÕES, ENGAJAMENTO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA NOS ANOS 1960 E 1970	
Kátia Rodrigues Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050725	
CAPÍTULO 26	281
FICCIONALIZANDO REALIDADES: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA EM “THE HANDMAID’S TALE”, DE MARGARET ATWOOD	
Isabela G. Parucker	
DOI 10.22533/at.ed.55919050726	
CAPÍTULO 27	290
ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE	
Alberto Reani	
DOI 10.22533/at.ed.55919050727	
CAPÍTULO 28	301
NO SÉCULO XVIII, OS INDÍGENAS NA FORMAÇÃO DA CAPITANIA DE MATO GROSSO	
Gilian Evaristo França Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050728	
CAPÍTULO 29	316
A METODOLOGIA KELLYANA APLICADA À TEMÁTICA INDÍGENA	
Rosemary Pinheiro Da Paz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050729	
CAPÍTULO 30	329
UMA VISÃO DOS INDÍGENAS DO SUL DE MINAS NOS RELATOS DE ALGUNS MEMORIALISTAS	
Gustavo Uchôas Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.55919050730	
CAPÍTULO 31	340
INTERCÂMBIO DE IDEIAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE ARTHUR RAMOS E MELVILLE HERSKOVITS (ACERCA DA CULTURA AFRO-AMERICANA, 1935-1949)	
Heloísa Maria Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050731	
CAPÍTULO 32	352
ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO: O VALOR DA CAPOEIRA	
Jefferson Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050732	

CAPÍTULO 33 363

ESMERALDINAS, CREMILDAS E LOURDES:TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NO MOVIMENTO QUILOMBOLA NO RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS/PARÁ (2005-2016)

João Marinho da Rocha

Marilene Correa da Silva Freitas

DOI 10.22533/at.ed.55919050733

SOBRE A ORGANIZADORA..... 372

ESMERALDINAS, CREMILDAS E LOURDES: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NO MOVIMENTO QUILOMBOLA NO RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS/PARÁ (2005-2016)

João Marinho da Rocha

Professor de História da Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Campus Parintins. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM. jmrocha.hist@hotmail.com

Marilene Correa da Silva Freitas

Professora do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM.

INTRODUÇÃO

Esta comunicação é parte dos estudos para compor tese de doutorado sobre os processos de constituição da Identidade e territorialidades quilombolas no Rio Andirá. Trazemos aqui uma reflexão acerca do protagonismo de mulheres quilombolas no movimento por diferenciação étnico-racial. Baseado em arquivos de fontes orais, identificamos, descrevemos e analisamos as ações sociais e políticas de três mulheres inseridas nesse processo. As três trajetórias e experiências que conectadas a cenários, sujeitos e interesses variados, puderam tecer relações de poder, no e, a partir do Rio Andirá.

Tais comunidades quilombolas conseguiram nesse movimento, etnicizar e politizar memórias dos velhos e com isso, construir, juntos aos demais sujeitos sociais

de seis comunidades do Rio Andirá, narrativas sobre si. Criando e acionando memórias que ligou tais comunidades as experiências dos mundos do trabalho, (re)desenhando práticas socioculturais, capazes de indicar fronteiras étnicas e demarcar territórios simbólicos de pertencimentos que lhes garantem diferenciação frente as demais comunidades do município do Baixo Amazonas.

Neste exercício, julgamos iluminar para o conhecimento das táticas desenvolvidas por tais movimentos sociais contemporâneos na Amazônia, palco de diversas querelas e lutas sociais por direitos de existências de povos e comunidades tradicionais como ocorreu/ocorre na Fronteira Amazonas/Pará.

Não dá mais para ler a presença negra na Amazônia apenas pelo viés da quantidade numérica, pois, “aplicado à Amazônia, todo procedimento em busca do conhecimento torna-se plural” (FREITAS, 2012, p.39). Em nossas pesquisas buscamos não somente considerar os dados estáticos em si, mas também os múltiplos significados da presença negra. Nesse sentido, estamos interessados em perceber como a presença negra se articularam aos espaços e mundo amazônicos e aqui construir novos espaços de liberdades e territorialidades específicas.

As práticas socioculturais e memórias contemporâneas de tais comunidades, acabam esticando os seus presentes, e nisso reconstruindo os seus passados. É nessa “viagem das memórias” que intentamos conhecer um pouco das histórias desses sujeitos, até pouco tempo classificados como pretos do matupiri, e agora são (re)classificados como quilombolas do Rio Andirá, fato que segundo Lourdes, significa que terão “*Outros Valores...*” (ROCHA E FREITAS, 2016). Tal assertiva é uma projeção futura, onde a liderança esperançosa antecipa mais respeito, tanto por parte do Estado, como dos seus vizinhos.

PROTAGONISMOS FEMININO NO MOVIMENTO QUILOMBOLA NO ANDIRÁ

Nos primeiros anos deste século XXI, as comunidades negras rurais do Matupiri, entraram em diálogo e influências intensas com as experiências das outras partes do país asseveradas acima. Especialmente do Oeste Paraense, onde são intensas, há cerca de quarenta anos, as lutas política das comunidades mocambeiras contemporâneas (AZEVEDO, 2002; ACEVEDO, & CASTRO, 1998; FUNES, 1995). Assim sendo Santarém, Alenquer, Óbidos, Oriximiná também iniciaram seus processos de:

[...] luta por reconhecimento, a luta foi o seguinte, começou em 2005, quando teve a primeira pesquisa aqui dentro da comunidade. Veio uma professora, uma pesquisadora por nome Ana Felícia, ela veio pesquisar aqui porque ela viu no histórico que existia negro no Amazonas, e a onde ela foi indicada, foi no Andirá. Ai, ela chegou aqui, conversou com o pessoal que foram contando que a gente tinha sangue de negro, porque o nosso princípio tinha vindo da África. Ai, foi que começou a ter o levantamento da procura dos negros né. Ai, chegou à conclusão que hoje nós somos reconhecido. Essa luta foi muito grande, tá sendo até hoje muito grande essa luta. (Maria de Lourdes, agricultora, 53 anos. Presidente da Federação Quilombola (2012-2016). Entrevista realizada em 2015. Santa Tereza do Matupiri.).

Essas comunidades até então, como indica as narrativas de Lourdes, não se viam como sujeitos detentores de direitos ao seu território tradicionalmente ocupado onde pudessem continuar suas culturas e modos de vida, cada vez mais afetados pela chegada da pecuária no Andirá, a partir da década de 1980.

A partir de diálogos profundos com “agentes externos” e com aquele contexto nacional e regional de luta por reconhecimento dos territórios tradicionalmente ocupados por comunidades negras rurais ter chegado nas cabeceiras do Matupiri, através de agentes externos, iniciou-se ali um processo de estruturação da sua luta pelo reconhecimento do território.

Nós fundamos uma federação pra nós, (...), pra fazer o mapeamento todinho da área. Passamos três meses fazendo isso pra gente adquirir os conhecimentos que as pessoas antigas fizeram pra nós conversando conosco. Depois fizemos o resumo, onde tiramos as partes principais. (Maria Cremilda, 59 anos Presidente da Federação Quilombola, 2009-2011. Entrevista realizada em 2015 na cidade de

Houve imediatamente a tentativa, por meio das lideranças comunitárias recém constituídas, de (re)construir uma memória de origem “comum”, relacionada ao cativo. Uma memória pautada nas narrativas dos velhos e velhas das comunidades que são os guardiões das memórias o passado da escravidão na Amazônia (FUNES, 1995). Percebe-se, no Andirá, que o processo de (re) construção dessa memória do cativo partiu de uma dada situação social atual de reivindicantes como grupo Ético-racial, ligado àquele passado do cativo. Foram as condições de conflitos e necessidades do presente que deram suportes para

Uma construção da nova identidade quilombola através de filhos e netos, por meio da recuperação das narrativas de seus pais e avós, mas desenvolvendo agora, novas interpretações. Nisso, muitas práticas culturais como origem no tempo do cativo, [...] foram transformadas em capital simbólico para a afirmação da Identidade quilombola. (MATTOS, 2006, p.110).

Como apontou anteriormente a presidente da Federação, Maria Cremilda, no processo de “sair pelas demais comunidades” para entrevistar os mais velhos, a fim de compor uma memória do cativo, a Federação como órgão criado para encampar a luta, terminou por elaborar sua síntese histórica da presença negra no Andirá.

Para Maria Amélia dos Santos Castro, (Presidente da Federação entre anos 2012 e 2016, em entrevista realizada em 2015), *“é uma honra muito grande, o reconhecimento como remanescente, porque nós temos agora outros valores diferentes, vamos ser tratado diferente como era no princípio”*. Segundo afirma, *“nossos pais nossos avós não foram escravos de senzala, foram escravos do trabalho que se haviam aqui de servir, de escada pros fazendeiros, pras pessoas que vinha vender mercadoria, os que regateavam por aqui. Eles se matavam tirando madeira pra troca com rancho”*. Maria Amélia continua a refletir acenando para o futuro: *“hoje a vai ser diferente né! Hoje já tá sendo, já tamo de olho aberto, não é mais aquele olho fechado que antigamente existia”*.

Esmeraldina por sua vez denuncia as relações conflituosas ocorridas entre os moradores de sua comunidade “Trindade” com seus vizinhos fazendeiros, seus jagunços e algumas lideranças religiosas. Relações especialmente tensas até o certificado “de palmares” em 2013 e no contexto de mapeamentos das memórias dos *“antigos”* e no caso de Trindade, da arregimentação de pessoas moradoras das cabeceiras para descerem para aumentar aquela comunidade que, aliás, é construída no bojo do movimento quilombolas. Nas palavras de Luiz Carlos Rodrigues de Castro, *“é de onde vem a Força”*. Essa força emana especialmente da Família Freitas, os *“Filhos da Cristina”*, um dos muitos filhos de Manuel Benedito da Costa. Questão abordada também pela liderança Maria de Lourdes de Castro, presidente da Federação das Comunidades Quilombolas de Barreirinha (2012-2014 e 2014-2016).

Ao tratar da Genealogia dos quilombos do Andirá, aponta onde estão os descendentes de cada um dos “antigos”, indicando para as comunidades atuais. Nisso, “*A Cristina, filha de Benedito Rodrigues, os filhos, netos formaram a comunidade de Trindade*”. Deste quilombo emergem as vozes de outra personagem protagonista:

Eu sou Esmeraldina, esposa dele (Luiz Carlos), quero dizer que lá na cabeceira do chapeleiro quem manda é o pastor. Ele leva a madeira para Parintins, Barreirinha [...]. Eles vendem terrenos. São da Igreja Pentecostal. *Eu enfrentei eles!* Esse home chamou lá os dois caras com espingarda. Ele falou: ‘vim aqui pra ti dizer pra não cortar nenhum pedaço do pau’. Então, quem manda lá é o pastor! [...]. Ele disse: ‘Olha! Esses pretos estão acabando com a terra de vocês (referindo-se aos caras que estavam com ele)’. Naquele momento fui ameaçada! E ele insistia dizendo: ‘Quem manda é o pastor! Aliás, esse Jander Carneiro, ele ameaçou meu marido, o Luís Carlos. Quando ele disse que meu marido ia preso, eu disse: ‘Eu vou contigo’. E esse Jander dizia: ‘Esse negócio de quilombola é pra destruir a nossa vida. Temos que ficar do lado dos fazendeiros, porque, o que esses morenos vão dar pra gente?’”. (Esmeraldina de Castro. In: Fascículo “**Quilombolas do Rio Andirá, Barreirinha/AM**”, p. 03. Projeto “Mapeamento social como instrumento e gestão territorial contra o desmatamento e a devastação. Processos de capacitação de povos e comunidades tradicionais. Nova cartografia social da Amazônia, 2014)

Nesse movimento de politização da memória ancestral para requerer acesso a direitos, as comunidades remanescentes da Amazônia, independentes de terem nascidos para além das cachoeiras do rio trombetas ou nas cabeceiras do matupiri, rio Andirá, intentam na verdade, encontrar-se com suas origens africanas. Tal fato, ainda se faz presente na memória dos remanescentes de quilombolas, nas histórias narradas pelos mais velhos, quando se referem aos seus antepassados.

As comunidades passaram a se articular em torno de elementos que os unissem na busca de acessar seus direitos. Para isso acionam os mais variados elementos e entidades externas. Essa questão legal se consolidou quando o decreto nº 4.887, de 20/11/2003 regulamentou que a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante auto-identificação da própria comunidade”. Tais comunidade, por sua vez, passam a ser compreendidas também como “grupos étnicos-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

Por esse entendimento, o tradicional antes de aparecer como referência histórica remota, como aliás sempre o fizeram as pesquisas estritamente históricas sobre a questão da presença negra na Amazônia, aparece como reivindicação contemporânea e como expectativa de direito involucrada em formas de auto definição coletiva. Tradição nesse contexto de reivindicação étnica como a que ocorreu/ocorre no rio Andirá, nada tem a ver com permanência e mais se atém a processos reais e agentes sociais que transformam dialeticamente suas práticas, indicando a existência de comunidades dinâmicas, orientadas por princípios em constantes transformações, alterando-se a cada vez que são acionados (ALMEIDA, 2012, p. 6).

Ainda sobre a trajetória da comunidade durante o processo final da busca por reconhecimento étnico, Amélia indica alguns conflitos e superações

Olha, quando eu não sabia eu procurar saber! Porque diziam assim, quando nós ‘tava” se organizando pra ser reconhecido muitas pessoas diziam assim: - vocês não vão ser reconhecidos, porque o prefeito não vai assinar, porque o presidente do meio ambiente não assinou! [...]. Quando o Dr. Júlio Junior veio aqui do Ministério Público Federal, eu perguntei[...] e ele: - Não, o município não resolve nada do problema de vocês. O que vem resolver o problema de vocês é a fundação Palmares. [...]. O pessoal ficam preocupado porque que não passa por Barreirinha! Porque remanescente como nós não eles, é por isso que venham procurá nós. (Maria Amélia dos Santos Castro. Op cit).

Nesse movimento de luta pelo reconhecimento o “tradicional” como operativo foi aparentemente deslocado no discurso oficial, afastando-se do passado e tornando-se cada vez mais próximo de demandas do presente, onde

[...] o fator identitário e todos os outros fatores a ele subjacentes, que levam as pessoas a se agruparem sob uma mesma expressão coletiva, a declararem seu pertencimento a um povo ou a um grupo, a afirmarem uma territorialidade específica e a encaminharem organizadamente demandas face ao Estado, exigindo o reconhecimento de suas formas intrínsecas de acesso à terra [...] (ALMEIDA, 2008, p. 29 - 30).

Tais indicativos apontam como o movimento quilombola construído no Andirá para acessar direitos esteve ligado aos processos externos que lhes deram devidos suportes para a constituição da nova Identificação Étnica no Andirá. Quando Cremilda informa: “*Depois fizemos o resumo, onde tiramos as partes principais*”, está apontando para as sínteses históricas construídas pela Federação. Tais narrativas, giram em torno das trajetórias de um grupo de negros ex-escravos de procedência Angolana, trazidos para os mundos do trabalho no Pará, e que por inúmeras circunstâncias, teriam chegado ao Rio Andirá no final do século XIX e ali, constituíram suas redes de relações com os povos indígenas Sateré-Mawé e demais sujeitos sociais presentes naquele rio.

Grupo constituído por homens e mulheres, no entanto, as narrativas oficializadas pela Federação das Organizações Quilombolas de Barreirinha, elegeram um homem para ser o pai fundador em trono do qual giram sua construção do território. Rianciaro (2016) chega a nominar Manuel Benedito da Costa como “pai do território”.

Meu nome é Benedito Pereira de Castro. Tenho 91 anos [...]. Meu pai, Pedro Rodrigues de Costa [...]. Papai contava que meu avô veio da Angola, da África, como escravo dos portugueses. Meu avô por parte de pai era Benedito Rodrigues da Costa que veio nos navios africanos para servir os portugueses Ele tinha três irmãos e uma irmã, a tia Maria e mais dois irmãos: o tio Francisco e tio João que partiram para lugares ignorado, até hoje ninguém sabe pra onde [...]. Então, sendo o primeiro negro a chegar e permanecer na comunidade do matupiri, rio Andirá, vovô parou numa casa de festa e ali conheceu uma mulher indígena, viúva, seu nome era Gerônima, filha da indígena Júlia Sateré [...]. (In: Fascículo “Quilombolas do rio

É acerca dessa questão das “histórias invisíveis” (DEL PRIORY, 2010) de mulheres “antigas” (a Indígena Gerônima Sateré e a negra Maria Tereza), e as atuais, protagonistas dos últimos quinze anos (Esmeraldinas, Cremildas e Amélias), que nos propomos a refletir neste texto. Pois, assim fazendo, identificamos as presença e ações significativas de inúmeras mulheres, que desde o final do século XIX, vem construindo formas de existências nas relações com os demais sujeitos, no entanto, sempre referenciadas, a partir de homens, nas narrativas oficializadas pela Federação.

REODENANDO OLHARES. HISTÓRIA ORAL E GÊNERO NO MOVIMENTO QUILOMBOLA, CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao que parece, o que esteve/está em jogo no movimento quilombola do Rio ANDIRÁ quando organiza suas “sínteses históricas”, pelas lideranças quilombolas, que aliás, são mulheres (Cremilda e Amélia), as quais trazemos neste texto, é a questão da “linguagem referente”. Dito de outra forma, de que é o sujeito autorizado a falar, ou aparecer na história como protagonista, seja sempre um sujeito masculino. No entanto, este, ao ser legitimado como enunciante, desbancou as múltiplas histórias invisíveis das mulheres, suas esposas inclusive (Geronima e Maria Tereza).

Nesse processo de busca e redefinição de olhares e questões sobre as fontes as mulheres como objeto de estudo. É importante saber e notar as inúmeras plataformas onde as mulheres podem existir (fontes documentais e arquivos, discursos e fragmentos de vidas, fontes literárias e impressas, História Oral, dentre outras.).

As mulheres são encontradas ‘nas margens’ junto com outros grupos como os escravos, os índios, os judeus e cristãos-novos, os e as homossexuais [...]. A partir desses *restos de discurso*, de Fragmentos de vidas é que o historiador consegue, então, perceber as formas de racionalidade que modelavam as práticas e as atividades, as relações sociais entre mulheres e homens. [...]. (DEL PRIORY, Mary, 2010, p. 227). [*Grifos Nossos*]

Esmeraldinas, Cremildas e Lourdes parecem ser, aparentemente, frutos desses restos dos discursos. No entanto, passam, com suas ações e protagonismos a reelaboram para si narrativas positivas, nas quais suas ações são potencializadas. O acesso a suas memórias e trajetórias possibilitadas pela metodologia da História Oral (ALBERT, 2011), contribui para iluminação do movimento quilombola que hora se faz no Amazonas, procedimento que aliás, vem possibilitando respostas às recentes questões levantadas acerca da presença “das pessoas de cor” no Rio Andirá e das suas existências, ainda que não tenham sido percebidas por muito tempo pela historiografia Regional e Local. E nesse sentido, das “saídas das vozes silenciadas”, ainda encontram apoio nas discussões trazidas por Del Prior Priory quando diz que

Outra abordagem utilizada com êxito para ouvir a história vinda de baixo baseou-se na história Oral e na recuperação da memória feminina. Tornava-se então, indispensável reabilitar a subjetividade e introduzi-la na interpretação das fontes, ao nível do observado mas, também, do observador. A oralidade permitiu assim, resgatar a identidade e a vida daqueles que vivem no anonimato: donas de casa, solteironas, viúvas, empregadas, trabalhadoras, ou miseráveis. Quanto maior sua opressão, mais importante dar-lhe voz, pois contar sua história significa a possibilidade de reconstituição de suas identidades femininas. [...] *Há todo um contexto cultural e histórico que embasa, que irriga estas vozes do silêncio* [...]. (DEL PRIORY, Mary, 2010, p. 229-230). [Grifos Nossos]

Entra nesse cenário de incertezas e angústias epistemológicas, as contribuições da categoria Gênero para possibilitar alargamentos dos olhares sobre e para a mulheres. Analisando esse mesmo cenário dos estudos feministas “perdidos” em si sem muitas questões teóricas capazes de ir além das querelas homem x mulher. *“uma vez que o gênero foi definido como relativo ao contexto social e cultural, foi possível pensar em termos de diferentes sistemas de gênero e nas relações daqueles com outras categorias como raça, classe ou etnia, assim como em levar em conta a mudança”*. (SCOTT, 2011, p. 89). [Grifo nosso]

CONSIDERAÇÕES

Tratar das memórias de mulheres envolvidas no movimento quilombola do Rio Andirá ao que parece, dialoga com este indicativo trazido por Gonçalves, (2006), sobre os possíveis avanços dos estudos das relações de gênero no Brasil, especialmente, a partir do Campo da História, ao escrever sobre História e Gênero. Identificar e compreender os processos e experiências políticas de mulheres no movimento quilombola, onde as lideranças são essencialmente mulheres, gestando uma equipe de quinze pessoas que compõe a Federação das Organizações das comunidades quilombolas de Barreirinha, criada em 2009. Desde de então, teve duas mulheres como suas “presidentas”, como se auto denominava Maria Amélia dos Santos Castro, a frente desse órgão por duas gestões (2011-2014) e (2014-2016), sendo antecedida por sua Prima Maria Cremilda Rodrigues Marinho (2009- 2011). Atualmente exerce o cargo de presidente Tarcísio de Castro.

Tais mulheres quilombolas do Rio Andirá, com suas ações políticas, como as “pesquisas feministas” indicam possibilidades e caminhos para “reavaliar o poder das mulheres”, principalmente aquelas que ao longo de cinco gerações vem protagonizando processos históricos e sociais no Leste do Amazonas. Suas trajetórias e experiências de vida e no movimento quilombola, portanto, contribuem para “superar o discurso miserabilista da opressão”. Nisso, tais pesquisas, ajudam a “subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua ‘cultura’ e a existência dos seus poderes (...)”, (PERROT, 1988, p, 169-170). Analisamos as “filhas do Andirá” como sujeitas

que constroem sua história pautadas numa memória étnica que foi politizada e é cotidianamente atualizada e materializada no estabelecimento de certa identidade étnico-racial diferenciada que exige outras posturas por parte das comunidades.

Os estudos feitos a partir das fontes orais evidenciam e/ou favorecem a visualização de sujeitos e grupos sociais historicamente silenciados. Sendo, portanto, um contraponto as pesquisas que resultam no silêncio, por exemplo, sobre os negros no Amazonas. Assim como iluminam os lugares de onde esses atores sociais negros falam, agora, sobre seus processos de luta por reconhecimento, como é o caso das mulheres da associação quilombola de Barreirinha.

As memórias de lutas por reconhecimento dessas mulheres são trazidas neste texto à luz dos demais movimentos sociais e organizações que articularam acesso aos direitos a grupos étnicos como remanescentes quilombolas, estabelecidos nas leis do país a partir das últimas duas décadas do século XX. Com isso intentamos destacar os papéis dessas lideranças femininas, que estiveram à frente da federação quilombola do município de Barreirinha e aparecem como figuras centrais nas narrativas quilombolas do Matupiri.

É a partir desse universo de entrelaçamentos de memórias, locais e regionais, construídas sobre a sua ancestralidade, das práticas cotidianas e das manifestações socioculturais que os sujeitos do Matupiri indicam os elementos que devem compor a sua nova identificação étnica no Rio Andirá. Este novo contexto de emergências étnicas permite e exige para sua validação que as vozes da Amazônia possam construir suas próprias narrativas históricas que comporão o novo pensamento social da e sobre região, que aliás, vive em constante (re)construção.

REFERENCIAS

ACEVEDO, Rosa & CASTRO, Edna. **Negros do trombetas**. Guardiões das matas e dos rios. Belém: UFPA, 1998.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombolas e novas etnias** / Alfredo Wagner Berno de Almeida. – Manaus: UEA Edições, 2011.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Mapeamento Social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: processos de capacitação de povos e comunidades tradicionais: **quilombolas do rio Andirá**: Santa Tereza do Matupiri, São Pedro, Trindade, Boa Fé e Ituquara/Barreirinha-Amazonas, 4/coordenação do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida; equipe de pesquisa, Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro...[et al]. – Manaus:UEA, 2014.

Amélia, Maria. **Trilhas percorridas por uma militante quilombola**: vida, luta e resistência; Maria Mafra de Andrade Ranciaro, Org; Alfredo Wagner Berno de Almeida, ed.; RJ: casa 8, 2016 7. ARRUTI, José Maurício. Mocambo. Antropologia e História do processo de formação quilombola-Bauru, SP:EDUSC,2006.

AZEVEDO, Idaliana Marinho de (org.). **PUXIRUM**. Memórias dos negros do oeste paraense. Belém: IAP, 2002.

DEL PRIORY, Mary. História das Mulheres: As vozes do Silêncio. In: Freitas, Marcos Cesar (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. 6 ed, 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010.

DEL PRIORY, Mery. História das Mulheres: As vozes do Silêncio. IN: FREITAS, Marcos Cesar (org.) **Historiografia brasileira em Perspectiva**. 6.ed., 2ª reimpressão- SP: Contexto, 2010.

FREITAS, Marilene Corrêa da Silva. Os Amazonidas contam sua História: territórios, povos e populações tradicionais. IN: **Amazônia: território, povos tradicionais e ambiente**. Elenise Scherer, José Aldemir de Oliveira (Orgs.). – Manaus. EDUA, 2009.

FUNES, A. Eurípedes. **Nasci nas Matas, nunca tive senhor. História e memória dos mocambos do Baixo Amazonas**. Tese de doutoramento em História da FFLCH/USP, São Paulo, 1995.

FUNES, Eurípedes. **“Nasci nas matas, nunca tive senhor”** - História e Memória dos mocambos do Baixo Amazonas. Tese de doutorado em História, USP, 1995.

MATTOS, Hebe. “Remanescentes das comunidades dos quilombos”: memória do cativo e políticas de reparação no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.68, p.104-111. Dezembro/fevereiro 2005-2006.

MATTOS, Izilda Maria. História das Mulheres e Gênero: usos e perspectivas. IN: **Olhares Feministas** / Hildete Pereira de Melo, Adriana Piscitelli, Sônia Weidner Maluf, Vera Lucia Puga (organizadoras). – Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006.510 p. – (Coleção Educação para Todos; v. 10.

MATTOS, MARIA IZILDA S. de. **Por uma História da Mulher**. Bauru, SP:EDUSC, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom & HOLANDA, Fabiola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo, Contexto, 2011.

O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). **Quilombos**. Identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV. 2002.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**. Operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmam. RJ:Paz e Terra, 1988.

RANCIARO, Maria Magela Mafra de Andrade. **Andirá: memórias do cotidiano e representações sociais**. – Manaus: EDUA, 2004. (Série Amazônia: terra e homem).

SAMPAIO, Patrícia (Org.). **O fim do silêncio** – presença negra na Amazônia. Belém: Açaí/CNPq, 298 p., 2011.

SOCOTT, Joan. História das mulheres. IN: BURKE, Peter.(org). **A escrita da História: Novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. IN: **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**/ Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-455-9

